

Revista
Latino-americana de

*G*eografia e Gênero

Volume 9, número 1 (2018)
ISSN: 2177-2886

Resenha

'Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher', de Tiago Duque

'Géneros Increíbles: un estudio sociocultural sobre las experiencias de (no) pasar por hombre y / o mujer', de Tiago Duque

'Incredible genres: a socio-anthropological study on the experiences of (not) passing by man and / or woman', by Tiago Duque

Sanderson Fardim Fernandes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -
Brasil

sanderfardim50@gmail.com

Como citar:

FERNANDES, Sanderson Fardim. Resenha: 'Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher', de Tiago Duque. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 205-210, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

‘Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher’, de Tiago Duque

O livro intitulado ‘Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher’, escrito por Tiago Duque, e publicado em 2017, analisa as experiências de gênero e sexualidade de ‘passar por’, ou seja, de pessoas que nasceram com um ‘sexo’ e, por algumas circunstâncias, passam por outro ‘sexo’, na cidade de Campinas-SP.

A abordagem desse assunto leva em consideração a fluidez nas identidades em termos de gênero e sexualidade, e que ser homem e mulher é historicamente construído. Utiliza-se, portanto, neste estudo sócioantropológico, uma rede de autoras/es nacionais e internacionais, *queers* e outras/os pós-estruturalistas não necessariamente vinculados ao *queer*. A metodologia utilizada foi a etnografia online e offline, com o uso de diferentes técnicas, sendo elas: entrevistas e análises de documentos.

As próprias/os participantes indicaram umas/uns às outras/os, chegando a um total de oito. O estudo trata-se de pensar essas experiências identitárias como não fixas, naturais, simples e passíveis de categorização, considerando os marcadores sociais de diferença, como: raça/cor, classe e idade, para entender a experiência social a partir das normas e convenções do que é ‘normal’ e ‘aceitável’.

A visibilidade/conhecimento do ‘passar por’ e o ‘não passar por’ é feita via normas e convenções para fugir das formas de violência e discriminação. A obra aborda as experiências de pessoas que ‘passam por’ homem e/ou mulher, independentemente de suas identidades de gênero e sexualidade.

No primeiro capítulo, o autor critica a ideia da existência de um ‘armário trans’, que reuniria diferentes experiências identitárias e de gênero, em contraposição ao ‘armário gay’, que garante visibilidade a heterossexualidade e restringe a homossexualidade ao segredo. Em vez disso, ele justifica apostar em outro regime de visibilidade, que é o ‘passar por’, afinal, em vez de uma centralidade no ‘dentro’ e no ‘fora’, como a ideia do armário, a ‘passabilidade’ aponta para os múltiplos processos de reconhecimento/visibilidade do ‘sexo’ e não da orientação sexual, além do fato de ser um termo êmico em seu campo de pesquisa, diferentemente na ideia de ‘armário trans’.

A pergunta ‘por que o passar por?’, contida neste capítulo, sugere que a resposta leve em consideração que as experiências identitárias buscam, através da ‘passabilidade’, um reconhecimento que somente é possível através da reiteração das normas e convenções sociais de gênero e sexualidade que estão postas para todas as pessoas.

No segundo capítulo, são apresentados as/os oito interlocutoras/es. As experiências de ‘passar por’ e ‘não passar por’, acontecia de maneira despercebida entre alguns/algumas das/os participantes, a ponto de nem imaginarem que eram vistos como ‘de outro sexo’ pelos outros. Também fica evidente a presença dos marcadores sociais de diferenças, como classe, idade, raça/cor. A maioria das/os participantes estavam desempregadas. A idade e identificação com a raça/cor também eram marcantes, sendo que a maior parte se definiu como branca.

As experiências de ‘passar por’ das/os interlocutores são apresentadas iniciando por Rafaela e Rafael. A travesti Rafaela tem 29 anos, e mantém uma vida regrada para compensar a repressão que sofre por ser ‘viado’. Ela ‘passa

'Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher', de Tiago Duque

por' mulher, mas não tem uma experiência bem-sucedida quando tentou se inserir no mercado de trabalho. Diante de diversas tentativas, optou em se prostituir.

Rafaela, após muita dificuldade em indicar outra pessoa que se 'passa por' mulher, acabou por indicar quem se 'passa por' homem, neste caso, Rafael, que é um homem transexual heterossexual. Ele tem 39 anos, mas se aparentava com um aspecto jovial. Ele teve sucesso na sua construção da masculinidade e tornou-se 'passável por' homem, sendo, inclusive, desejável por homens e mulheres.

Ambas/os tiveram dificuldade inicialmente nas suas autoidentificações, se autodeclararam de diferentes formas ao longo dos últimos anos (ela se assumiu, anteriormente, como transexual, ele como lésbica). Esse trânsito identitário segue as temporalidades relacionadas a cada entrevistado e compartilham o momento histórico brasileiro que é favorável na produção de diferentes categorias identitárias, especialmente no movimento LGBT.

As críticas aos próprios militantes e a não reprodução das normas e convenções, são entendidas nas experiências de Morgana e Mende, que foram indicadas/os por Rafael. Morgana, tem 48 anos e, em campo, é apontada por alguém que não 'passa por' mulher, ela é uma mulher transexual lésbica. Por estar desempregada, tem uma vida simples. Iniciou o uso de hormônios já adulta, por isso, manteve características masculinas.

No caso de Mende, 21 anos, há alguns anos já faz uso de hormônios femininos, o que a caracteriza como um exemplo de 'passibilidade', porém ela mesma não se vê assim. Por isso, devemos entender que o 'passar por', não é consensual. É importante destacar que a juventude e a classe social que não se aproximam da pobreza, constituem a feminidade que é valorizada socialmente.

Indicada/o por Mende, como sendo andrógeno, André, de 26 anos, classe média, acaba 'passando por' mulher em algumas situações, mesmo sem desejar. Neste caso, a 'passibilidade' é involuntária, pois, o 'passar por' significa que a androgenia não foi atingida. Logo, a diferenciação que ele tanto busca em relação às outras pessoas do seu convívio, na sua percepção, corre risco.

A próxima interlocutora é Fernanda, 47 anos, drag queen. No seu caso, o 'passar por' ocorre quando ela está 'desmontada', pois 'montada' não passa por homem. Para algumas pessoas em campo, ela não 'passa por' mulher, apesar de ter nascido classificada como mulher. Ela se identifica como mulher lésbica, contudo, prefere performatizar a feminidade das 'bichas', por ser para ela a melhor coisa, em termos de inteligibilidade, que consegue colocar em prática para não ser vista como homem. Para o autor, é esse desempenho de fazer a 'linha bicha' que desestabiliza a categoria mulher.

Com a leitura do livro, podemos entender também as distintas masculinidades nas experiências de Ricardo e Lelé. Ricardo tem 33 anos, começou a usar hormônios masculinos e adquiriu um corpo gordo, de costas largas, pelos e barba. Tem o corpo tatuado e alargadores nos nódulos das orelhas. Ele se 'passa por' homem e em sua relação afetiva sexual se identifica como bissexual, indica que namora mais com mulheres heterossexuais, e, quando com homens, é o ativo. Ele ingressou em uma faculdade mas não concluiu, pois prefere se dedicar ao seu processo transexualizador.

'Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher', de Tiago Duque

Já na experiência de Lelé, com 46 anos, o masculino não prevalece, pois é muito feminino, e se identifica como homem gay. Tem sua história demarcada pela descoberta da sorologia positiva para o HIV, e isso modificou a relação com a sua família, sofrendo recusa e, até mesmo, sendo expulso de casa. A descoberta do vírus HIV fez com que procurasse algo para se valorizar: shows em casas noturnas como *drag queen*. Suas performances artísticas o faz ser reconhecido como mulher, mesmo não querendo, o que não ocorre fora do palco. Isso revela que o 'passar por' masculino e/ou feminino são experiências contraditórias e não consensuais.

No capítulo três, o autor discute a transformação do corpo 'passável', pensado a imagem do corpo com o aparato tecnológico médico-digital, pois o que vê é importante para a 'passibilidade'. As/os interlocutoras/es dessa pesquisa buscavam a cirurgia para 'naturalmente' se aproximar do masculino e feminino. E quando a ética médica não permitia a mudança, pois órgãos saudáveis não podem ser operados, estas/es procuravam outros tratamentos que fazem adoecer os órgãos para possibilitar a construção do corpo. Portanto, esse processo de reconhecimento social ocorre via medicalização e patologização.

A cirurgia bem-sucedida e a 'passibilidade' facilitam o reconhecimento jurídico, que passa pela modificação da documentação para assim buscar direitos em relação ao gênero e a sexualidade. As/os Juízas/es levam em consideração se a pessoa fez a cirurgia, e não importando se ela/e é 'passável' ou não. Porém, a 'passibilidade' faz toda a diferença nos pareceres favoráveis dos magistrados de mudança de nome.

O corpo, a 'passibilidade' e a imagem, têm identificação com as/os personagens midiáticos. Esse processo de feminilidades e masculinidades via personagens é para serem mais 'aceitas' e diminuir o preconceito. E 'essa busca' nos personagens midiáticos, traz experiências distintas de aceitação e também de rechaços sociais.

O processo de identificação com os famosos é somente valorizado quando as semelhanças das/os interlocutoras/es agregam qualidades ao processo de 'passibilidade'.

O capítulo quatro menciona a importância de saber revestir o corpo, que, junto a imagem e o comportamento, contribuem para o reconhecimento. Neste caso, as roupas que revestem este corpo e a performance de quem o usa é fundamental para a 'passibilidade'. O saber se vestir e se comportar são essenciais para não causar constrangimento ou ser mal interpretada/o quando buscam lojas de roupas, sapatos e acessórios.

As lojas são os espaços de questionar-se e de se auto avaliar como 'passável' ou não. Esse ambiente traz experiências de sucesso, constrangimento e até dúvidas de si mesmo. A incorporação das vestimentas revela como o olhar do outro é importante para se construir e desconstruir a 'passibilidade'. Portanto, as roupas disfarçam a materialidade corporal e mantém a expectativa do que se entende por gênero e sexualidade, e dos outros marcadores sociais.

As vestes e a moda favorecem a 'passibilidade' das/os tidas/os como as/os mais bonitas/os. Ou seja, as/os mais belas/os são mais aceitas/os. O feio e o belo não devem ser entendidos apenas pelo estilo de roupas, mas dentro de

'Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher', de Tiago Duque

uma conjunção de marcadores sociais de diferença. Isso possibilita que, por exemplo, o reconhecimento enquanto homens lindos, depende dos marcadores sociais raça/cor e idade, afinal, por exemplo, a beleza masculina que é legitimada e valorizada socialmente é a dos corpos magros, jovem, branco, com pouco pelos ou depilados. A beleza está sempre ligada ao desejo erótico, e no campo desta pesquisa, as/os mais belas/os são aquelas/es desejadas/os sexualmente.

O autor também aponta que as roupas, sapatos, acessórios, cirurgias estéticas, cremes, perfumes e joias, são estratégias de busca por reconhecimento via consumo. O consumo é um agenciador de beleza e classe social valorizada, assim, ele alivia-se de certas violências cotidianas. O 'passar por' vai além da construção da beleza masculina e feminina, deve ser pensado e problematizado, afinal, o que foi discutido anteriormente não pode ser generalizado, pois a 'passibilidade' e o reconhecimento podem ser de várias maneiras e contextos, independente do fator beleza.

A 'passibilidade' é uma tentativa de se proteger das violências e evitá-las. São nos espaços públicos que essa estratégia é mais utilizada, pois é ali que as pessoas entrevistadas mais sofrem ou podem sofrer violência. A fuga da violência não é somente pela 'passibilidade', ela ocorre na 'não passibilidade', pois nem todas/os querem 'passar por' homem e/ou mulher, estas/es preferem a diferenciação como forma de reconhecimento. Dito de outro modo, para o autor, ser vista/o como diferente, especial e corajosa/o é uma forma de legitimação essencial para o reconhecimento. Não ser igual a todo mundo e ter a capacidade de diferenciar-se, é valorizado como sendo respeitável. Então, a 'não passibilidade' podem garantir experiências de não violência, e pensando em termos de marcadores sociais, especialmente raça/cor, idade e classe, essas diferenciações também confirmam o reconhecimento, como pessoas pouco comuns. Mas, isso ocorre, especialmente, entre aquelas/es que conquistaram, em um primeiro momento, a 'passibilidade'. Em suma, a visibilidade é feita com a construção de um ser 'passável', mas que depois denuncia o 'sexo verdadeiro', isto é, a pessoa pode "passar por", se quiser, mas opta em se anunciar como travesti ou transexual de sucesso pela sua construção corporal e performática.

No capítulo cinco, concluímos que, o reconhecimento é a marca de posição no campo da inteligibilidade, mas também é possível revisá-lo e expandi-lo, de modo que uma nova forma de reconhecimento seja possível. Não podemos entender os indivíduos de um lado e do outro nas possibilidades de simples reiteração ou transformação do campo de inteligibilidade, pois o mesmo indivíduo pode estar tanto reiterando normas e convenções ou contribuindo para suas transformações ao 'passar ou não por'. Pois, o reconhecimento é feito por várias ordens (política, jurídica, sexual, psíquica, erótica, etc.) e em diferentes contextos de interação, dependendo especificamente de cada interlocutor/ra e a posição que ocupa através dos marcadores sociais de diferença, isto é, da própria ordem social. O regime de visibilidade/conhecimento do 'passar por' tem como foco a conquista de reconhecimento em contextos diversos, e viabiliza o respeito aos direitos e as diferenças dentro de um campo de poder, ou não.

Por fim, ele afirma que o regime de visibilidade/conhecimento estudado

'Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher', de Tiago Duque

está dentro de uma mesma ordem social, assim, as/os que 'passam' ou 'não passam' evitam a mesma ameaça social: a abjeção como alvo de violência. Isso é feito com a aproximação delas/es das normas e convenções e também em termos de raça/cor, idade, classe, mais privilegiados. Mas, também se distanciando, como já foi discutido, via uma não 'passabilidade'.

Os gêneros são incríveis e o 'passar' (ou não) é uma estratégia de busca por visibilidade/conhecimento/reconhecimento que, aliada com as interações, corpo/imagem, olhar do outro e marcadores sociais das diferenças, dizem muito sobre as experiências apresentadas pelas/os interlocutoras/es do livro de Duque.

Referências

DUQUE, Tiago. **Gêneros Incríveis: um estudo sócioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017.

Recebido em 05 de Dezembro de 2017.
Aceito em 05 de Abril de 2018.

Sanderson Fardim Fernandes

